

**Entre partidas, lágrimas e insubmissão:
o (re)existir em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo**

Elenice de Paula¹

Resumo: Neste texto é analisado a obra Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, como crítica social e instrumento de letramento racial, a partir da escrivência. A trajetória da protagonista evidencia os efeitos do racismo estrutural, da pobreza e das violências de gênero, refletindo a transição do campo para a cidade e as exclusões enfrentadas pela população negra. As memórias de Ponciá contrapõem a infância comunitária e rural à vida urbana marcada pela desumanização e perda de identidade. A análise fundamenta-se em estudos decoloniais, interseccionais e no conceito de quilombo como espaço de resistência (Gomes, 2022). Evaristo se destaca como pensadora crítica da realidade brasileira, que denuncia desigualdades e investe na ancestralidade como forma de reconstrução e pertencimento. A literatura, como processo educativo, assim, torna-se espaço de denúncia e de elaboração de futuros possíveis, pautados na dignidade e no reconhecimento da população negra enquanto sujeito histórico e social.

Palavras-chave: Ancestralidade; Literatura; Pensamento Social Brasileiro.

**Between departures, tears, and insubordination:
(re)existing in Ponciá Vicêncio, by Conceição Evaristo**

Abstract: This text analyzes Conceição Evaristo's Ponciá Vicêncio as social criticism and an instrument of racial literacy, based on escrivência (writing as a form of self-expression). The protagonist's trajectory highlights the effects of structural racism, poverty, and gender violence, reflecting the transition from the countryside to the city and the exclusions faced by the black population. Ponciá's memories contrast her childhood in a rural community with urban life marked by dehumanization and loss of identity. The analysis is based on decolonial and intersectional studies and on the concept of the quilombo as a space of resistance (Gomes, 2022). Evaristo stands out as a critical thinker on Brazilian reality, denouncing inequalities and investing in ancestry as a form of reconstruction and belonging. Literature, as an educational process, thus becomes a space for denunciation and the elaboration of possible futures, based on dignity and the recognition of the black population as a historical and social subject.

Keywords: Ancestry; Literature; Brazilian Social Thought.

**Entre partidas, lágrimas e insubmissão:
o (re)existir em Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo**

Resumen: En este texto se analiza la obra Ponciá Vicêncio, de Conceição Evaristo, como crítica social e instrumento de alfabetización racial, a partir de la escritura. La trayectoria de la protagonista pone de manifiesto los efectos del racismo estructural, la pobreza y la violencia de género, reflejando la transición del campo a la ciudad y las exclusiones a las que se enfrenta la población negra. Las memorias de Ponciá contraponen la infancia comunitaria y rural a la vida urbana marcada por la deshumanización y la pérdida de identidad. El análisis se basa en estudios decoloniales, interseccionales y en el concepto de quilombo como espacio de resistencia (Gomes, 2022). Evaristo se destaca como pensadora crítica de la realidad brasileña, que denuncia las desigualdades e invierte en la ancestralidad como forma de reconstrucción y pertenencia. La literatura, como

¹ Doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe - PPGED-UFS. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina - PPGE-UFSC. Bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7711-6384>, e-mail: paulaelenice2815@gmail.com

proceso educativo, se convierte así en un espacio de denuncia y elaboración de futuros posibles, basados en la dignidad y el reconocimiento de la población negra como sujeto histórico y social.

Palabras-clave: Ancestralidad; Literatura; Pensamiento social brasileño.

1 INTRODUÇÃO

Parto do pressuposto de que Conceição Evaristo, em sua escrivência, estabelece um olhar sobre a configuração social da vida no campo e na cidade como forma de compreender os processos de inclusão e/ou exclusão social. Essa observação pressupõe que, por meio dos textos da autora, é possível compreender seu olhar sobre o cotidiano como uma experiência dos sujeitos, mas que reflete o contexto social e histórico de que parte a narrativa. Nisso, os problemas sociais e as alternativas construídas para encarar a vida e (re)existir em meio a distintas exclusões integram a narrativa que se materializa na história de suas personagens.

Conceição Evaristo nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1946, negra, pobre, de um conjunto de 8 irmãos. Teve sua trajetória marcada por muitos desafios, principalmente por ser uma mulher negra que buscava traçar seu próprio percurso da vida. Assim, desde pequena, iniciou seu processo de escrita, fator que só despertou interesse em seguir os estudos. Fez graduação, mestrado e doutorado. Participou ativamente do Movimento Negro. Em 1990, teve suas primeiras publicações no Cadernos Negros (Evaristo, 2009), sendo essa a forma encontrada para que intelectuais negros pudessem ter seus trabalhos publicados. Caminho esse que torna possível compreender parte dos motivos de seu reconhecimento como escritora ser tão tardio, mesmo que ainda existam com muitos desafios a serem superados.

Publicado em 2003 pela Mazza Edições, em Belo Horizonte, o romance Ponciá Vicêncio foi a obra escolhida para este estudo. A narrativa, construída sem divisão formal em capítulos, apresenta 47 fragmentos que revelam as memórias da protagonista, Ponciá, evocadas por lembranças que se entrelaçam com sentimentos de saudade e lapsos que indicam uma tentativa de fuga da realidade. A obra traz uma crítica contundente ao legado

do sistema escravocrata brasileiro e às marcas deixadas por ele, perceptíveis tanto na trajetória pessoal da personagem, quanto nas estruturas sociais que persistem no presente.

O romance de Conceição Evaristo evidencia seu posicionamento político e social, ao denunciar as opressões causadas pelo racismo, pela pobreza e pelas violências de gênero, propondo uma ruptura com essas formas de dominação. Um dos elementos centrais da narrativa é a figura do coronel Vicêncio que, além de dono da fazenda, era também proprietário de pessoas escravizadas, e cuja promessa de libertação revela-se marcada por contradições e ressentimentos. O sobrenome que Ponciá carrega desde a infância remete a uma dor que parece física, como ilustra a descrição: “[...] lâmina afiada a torturar-lhe o corpo” (Evaristo, 2017, p. 26).

As relações familiares da personagem são descritas com nuances afetivas, em especial com sua mãe e seu avô, fundamentais em sua formação. O desejo por conhecimento surge quando missionários visitam o vilarejo, e com a permissão materna, Ponciá inicia sua educação formal. Esse momento reforça a importância atribuída ao aprendizado como ferramenta de libertação das estruturas opressoras. A consciência de que um ‘outro saber’ seria necessário caso migrasse para a cidade motiva sua mudança. Assim, aos 19 anos, levando apenas uma trouxa, embarca no trem em direção à capital.

No entanto, a chegada à cidade grande é marcada pela frustração: na primeira noite, decepcionada com a Igreja, ela passa a pedir ajuda nas ruas em busca de um emprego. Seu sonho de juntar dinheiro, adquirir uma casa e reencontrar a mãe e o irmão, únicos sobreviventes da família, esbarra nas dificuldades de subsistência e, mais adiante, nas agressões do marido. Em meio à precariedade, é na memória da infância que Ponciá encontra alento, um passado idealizado que contrasta com a dureza da vida adulta. Ao longo da narrativa, seu silenciamento se revela ora como resultado das opressões sofridas por ser mulher e negra, ora como forma de resistência. O enredo evidencia o anseio de recuperar elementos do passado que lhe davam força e, a partir disso, construir um futuro de maior dignidade e segurança.

Diante disso, a partir do entendimento de que Conceição Evaristo destaca-se como pensadora social brasileira e, de que as narrativas literárias nos auxiliam para o entendimento

das distinções sociais (Paula; Zaluski, 2023), este texto tem como objetivo analisar, a partir da obra Ponciá Vicêncio, o entendimento sobre as formas de viver da população negra nos espaços rurais e urbanos, e identificar a crítica levantada pela autora dos aspectos que demarcam a precarização e desumanização da vida da população negra. A história de Ponciá serve como fio condutor para estabelecermos conexões entre a literatura e o real de forma a conduzirmos para a sensibilização do olhar a fim de provocarmos intervenções no presente a fim de novos futuros.

2 METODOLOGIA

A partir da seleção da obra *Ponciá Vicêncio*, a análise do livro foi realizada a partir dos estudos decoloniais em uma perspectiva interseccional (Akotirene, 2019; Davis, 2016; Figueiredo, 2020; Zaluski, 2021, Collins; Bilge, 2021). Junto dessa perspectiva epistemológica, os estudos de Bento (2022), sobre quilombo, são basilares para a compreensão do pensamento da autora a partir do entendimento de que a obra oportuniza reflexões sobre as formas de viver em meio ao fortalecimento da ancestralidade, por mais que atravessadas pelo desgosto da vida marcada pela exclusão social.

Assim, a partir da noção de quilombo, exploro a escrevivência da autora como forma de perceber e analisar as exclusões e resistências construídas na trajetória das personagens que se confundem com as histórias reais. Por quilombo, compreendo tal como Bento (2022), quando afirma que,

A população negra também se organiza em coletivos de natureza diferente, e, assim, a semente dos quilombos não para de crescer. Nesse sentido, esses diversos tipos de grupos de jovens, professores, intelectuais e artistas trabalham com o conceito de quilombo como território de memória, de resistência, de fortalecimento cultural e precisam ser apoiados por políticas públicas e programas de diversidade e equidade por organizações (Bento, 2022, p. 40).

Desse modo, a escrevivência de Conceição Evaristo se faz como quilombo, de sua escrita de resistência, da propagação de suas ideias e olhar social sobre o mundo, das mazelas

da vida e das alternativas para reconstruir aquilo que se tenta arrancar da população negra, de reconduzir a vida e criar novas possibilidades.

Pretendia-se inicialmente neste texto percorrer os indicativos da autora sobre a complexidade da vida nas cidades em comparativo com a vida no campo, por buscar perceber as lapidações da vida em meio às redes de afeto e sociabilidades, mesmo que imersas em relações de trabalho excludentes. Diante da amplitude que exige tal interesse, essa observação foi dividida em duas partes: aqui, apresento neste tópico como Conceição Evaristo, por meio de suas personagens, transita da vida no campo à cidade e nos permite observar o tempo que passa em meio à vida das distintas sujeitos-personagens que têm suas vidas atingidas pelo contexto e local em que vivem. Para futuros trabalhos, deixo as aberturas provocadas por Conceição Evaristo para novas observações, sendo ele uma continuidade da vida que se passa em meio ao campo e aos morros da cidade.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 As configurações da vida: cenários sociais diversos entre quilombos, morros e aquilombar-se

A escrivência de Conceição Evaristo em suas lembranças, andanças e experiências, percorre os becos, avenidas, rios e plantações inteiras e nos conduz a perceber processos da formação, manutenção e modificações das relações sociais em distintos contextos, principalmente por meio dos espaços percorridos pelas personagens que se confundem com as histórias da autora, de amigos, conhecidos e seus parentes.

Nesse percurso, o transitar entre campo, quilombo, ou viver de forma aquilombada como ela menciona, ou ir para a cidade provocam distintas situações e configurações que servem de sustento para a análise exposta no pensamento social de Conceição Evaristo. Vejamos como ela nos apresenta esses cenários sociais.

3.2 Ponciá Vicêncio: do vilarejo à cidade

Em Ponciá Vicêncio, a narrativa inicia por meio das lembranças da personagem ainda menina, quando vivia no povoado onde nasceu. No romance, a autora explora as relações sociais em meio ao campo, à vida na roça, ponto esse que se desdobra em distintos assuntos, em especial na tentativa do Coronel Vicêncio de usurpar as terras prometidas aos que foram escravizados, fator que impulsiona a condição de pobreza. Por outro lado, a autora também explora os vínculos estabelecidos com a terra e com a manutenção de si e da vida com base nela.

Apresento essa discussão por perceber que Conceição Evaristo, de forma minuciosa, descreve as configurações da vida nos espaços rurais, principalmente em quilombos rurais, nos quais, mesmo que atravessados por problemas, intenta investir em uma espécie de lembrança mais doce do passado, tal como quando expressa a experiência da infância de Ponciá. Conforme a narrativa, “[...] naquela época Ponciá Vicêncio gostava de ser menina. Gostava de ser ela própria. Gostava de tudo. Gostava. Gostava da roça, do rio que corria entre as pedras, gostava dos pés de pequi, dos pés de coco-catarro, das canas e do milharal” (Evaristo, 2017, p. 13). Tempo esse em que ela também ficava na beira do rio, observando as águas, “[...] como se estivesse diante de um espelho, a chamar por si própria, ela não guardava muitas tristezas no peito” (Evaristo, 2017, p. 19).

É nesse brincar de menina, durante a infância, em meio à vida no vilarejo, que Conceição Evaristo nos indica experiências que talvez tenham sido mais livres, se comparadas à brutalidade da vida nas cidades. Mesmo sob vigia e ameaça pela disputa de terras travada contra o coronel, a lembrança doce da vida não versa apenas sobre a menina que cresce.

No trecho em destaque são apresentados indícios da vida, o que se fazia para passar o tempo, as atividades de trabalho, a cultura alimentar e o gosto de viver. Quando se era menina, a vida na roça se fazia mais leve, principalmente por não ter que sair para trabalhar na terra dos brancos, pois essas eram as atividades destinadas aos meninos. Junto a isso, a narrativa de Conceição Evaristo leva a perceber que plantar milho não era apenas a busca por renda, mas diz sobre os costumes, sobre práticas culinárias que eram mantidas e

construídas a partir dele, mas também sobre a possibilidade de passar o tempo em meio a eles.

No cenário rural narrado pela autora, somavam-se ainda as palmeiras de coco-catarro, planta que ocorre em todo território nacional. Além disso, a questão regional e a paisagem mineira são exploradas também pela culinária e uso do pequi, típico na região serrana, especialmente em Montes Claros (MG). Assim, a autora insiste em apresentar como se davam as relações sociais permeadas por um outro ritmo da vida, tempo e por significados e sentidos atribuídos ao mundo. Como já dito, ali o saber era outro, de tal modo que a mãe de Ponciá, com o grande vínculo estabelecido com a filha, ao mesmo tempo em que percebeu a necessidade de novos saberes, construía sonhos, pois, “[...] era melhor deixar a menina aprender a ler. Quem sabe, a estrada da menina seria outra” (Evaristo, 2017, p. 25), sendo essa a deixa para a menina aprender a ler junto aos missionários que passavam por ali.

Entretanto, aquele sonho de futuro teve outros rumos. Quando o pai de Ponciá morreu, seu olhar sobre o mundo se amplia, faz-se inquieta a coisas que até então passavam despercebidas naquela vida doce que levava. Aos 19 anos, sua decisão de sair do povoado esteve repleta por um incômodo que lhe apertava o peito, “cansada da luta insana, sem glória, a que todos se entregavam para amanhecer cada dia mais pobres, enquanto alguns conseguiam enriquecer a todos os dias. Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova” (Evaristo, 2017, p. 30). Contudo, a passagem pela vida, trouxe percursos não desejados, em que as pedras pareciam cada vez mais fechar-se para um estreito caminho que parecia não ter saída. Temos aqui um processo de amadurecimento de Ponciá atrelado à visão crítica de Conceição Evaristo sobre as mazelas que atravessam a vida no campo.

O mundo no qual Ponciá adentra, e ao mesmo tempo faz parte dele, por sustentar a estrutura social excludente, serve constantemente de crítica às exclusões sociais narradas por Conceição Evaristo. Aquilo que parecem ser detalhes do cotidiano, do olhar de Ponciá, são interpretações da autora sobre um mundo que não serve mais. Nesse transitar, como quando Ponciá entra na igreja logo que chega de viagem, vê que na cidade até os santos das igrejas se mostravam com opulência. Assustada com tamanha discrepância entre os de sua origem,

a autora exibe a distinção social manifestada pela fé e ao interpelar por meio de Ponciá, compara que “[...] eles deveriam ser mais poderosos do que os da capelinha do lugarejo em que ela havia nascido. Os de lá eram minguinhas e mal vestidos como todo mundo” (Evaristo, 2017, p. 31). Por estar ali, em meio aos santos robustos, teria sua prece atendida? Se faria em maior velocidade?

Conceição Evaristo, por meio da história de Ponciá Vicêncio, perpassa a trajetória de muitas mulheres, em especial mulheres negras, que buscaram (e ainda buscam) melhores oportunidades na cidade. Como destaca Lélia Gonzalez (2020), um reflexo social que ao mesmo tempo insere-se nas condições às quais estão submetidas. Para a autora, “[...] um dos legados concretos da escravidão diz respeito à distribuição geográfica da população negra, isto é, à sua localização periférica em relação às regiões e setores hegemônicos” (Gonzalez, 2020, p. 35).

Nesse sentido, a busca por melhores oportunidades faz com que as pessoas migrem, tendo em vista melhores empregos e, por consequência, melhores salários. Pois, como embasa Gonzalez, “[...] a maior concentração da população negra ocorre exatamente no chamado Brasil subdesenvolvido, nas regiões em que predominam as formas pré-capitalistas de produção com sua autonomia relativa” (Gonzalez, 2020, p.35), fator esse que está vinculado ao processo colonialista de uso da mão de obra barata para atender ao desenvolvimento industrial, tal como indica Gonzalez, “[...] uma vez que a discriminação não passa de um instrumento manipulado pelo capitalista que visa, mediante a exploração das minorias raciais, dividir o operariado (Gonzalez, 2020, p. 32). Ou seja, os investimentos públicos para atender às demandas sociais, quando não levado em consideração o fator raça, agem de forma intensa na população negra que utilizará a migração (e imigração como vemos constantemente) como tentativa de poder (sobre)viver em melhores condições.

Entretanto, como adverte a autora, se observarmos principalmente a intersecção gênero, raça e classe, é possível perceber a existência de uma reconfiguração das desigualdades sociais, em que as atividades profissionais e os salários extremamente baixos estão alicerçados a toda a estrutura racista que movimenta o sistema econômico. Tal como indica Gonzalez, ao observar o desenvolvimento econômico brasileiro em fins dos anos 1960

e início dos anos 1970, para ela, “[...] o chamado ‘milagre brasileiro’ beneficiou apenas uma minoria da população interna e, sobretudo, as multinacionais” (Gonzalez, 2020, p. 47). Ou seja, a população negra ficou à margem da possibilidade de usufruir desse modelo e foi conduzida à exploração e manutenção das exclusões sociais refletidas em trabalho, emprego, salário e demais condições de vida. Insisto nessas observações de Gonzalez por compreender que essa dinâmica e contexto analisados perpassam as configurações tomadas na narrativa de Conceição Evaristo. Assim, as situações nas quais suas personagens estão partem de uma realidade social observada.

Ponciá representa essa menina/mulher na travessia, na busca por melhores condições. Contudo, ser mulher, negra, pobre e com pouco estudo sustentou sua trajetória, seu processo de desumanização, da posse dos Vicêncio sobre seu nome, da primeira noite de frio e fome na cidade e das sucessivas pedras que inibiram sua possibilidade de sonhar. No vilarejo, por mais difícil que fosse, ali se permitia sonhar. Viver na cidade, afastar-se dos seus, provocou um vazio em Ponciá e o não reconhecimento de si, quando já estava casada, como demonstra Conceição Evaristo, “[...] uma noite ela passou todo o tempo diante do espelho chamando por ela mesma. Chamava, chamava e não respondia” (Evaristo, 2017, p. 19). Seu marido, pela manhã, assustado com a situação a interrogou, então, Ponciá, “[...] pediu ao homem que não a chamasse mais de Ponciá Vicêncio” (Evaristo, 2017, p. 19). Sem saber como chamá-la e ao interroga-la, “[...] olhando fundo e desesperadamente nos olhos dele, ela respondeu que poderia chamar de nada” (Evaristo, 2017, p. 19).

Sua identidade havia sido destruída, a distância não era apenas geográfica. Somado ao tempo que não via sua família, perdeu o contato com os seus, os vivos e os mortos, cuja presença podia sentir no vilarejo em que morava e de seus referenciais, perdeu o reconhecimento de si. Esse afastar-se do seu grupo, da terra, do barro, evoca um sentimento de pertença que, no decorrer da obra, serve de incômodo para Conceição Evaristo. A autora busca, por meio da trama, uma alternativa para lapidar as pedras tão pesadas e agressivas na vida da personagem que parece refletir a história de muitas outras mulheres que saem por aí em busca de sonhos, mas que dificilmente duram muito tempo.

A desumanização de Ponciá Vicêncio percorre sua vida íntima. A noite acordada na escadaria da igreja não foi a última. Ali, talvez tenha passado despercebida por estar entre os seus, os mendigos. Não se via neles, mas era tal como os demais. Depois, as condições de trabalho na casa da patroa, e a vida no morro junto ao seu marido esteve permeada por distintas ações que serviam para arrancar as últimas esperanças da mulher. Nessa relação, Conceição Evaristo demonstra o que restou de Ponciá. Nesse narrar, a autora nos permite adentrar o cotidiano daquela realidade, observar o tempo que passa vagorosamente, doído e arrastado, quando não se tem forças para sonhar. São detalhes que permitem perceber a vida na favela, a oportunidade limitada e as distinções sociais impostas e reforçadas por meio das ausências. Como narra a autora,

O grito do homem reclamando da lerteza de Ponciá fez com que, mais uma vez, ela interrompesse as lembranças. **Irritou-se, mas não disse nada. Engoliu a raiva em seco junto com o silêncio.** Remexeu o feijão. O fogo dançou sob a panela como se quisesse incendiar tudo. Apesar da ida e vinda dela no tempo, em poucos instantes a janta ficou pronta. **Foi até a prateleira, pegou uma lata de goiabada vazia e começou a servir a comida para ele. Da panela subia cheiro algum. Teve dúvidas se comeria ou não. Pegou um punhado de torresmo com as pontas dos dedos, levou à boca e ficou mordiscando um. O homem comia sentado na cama, com a lata na mão.** O alimento descia incorreto, torto, seco, provocando uma tosse entre uma colherada e outra. **Ela foi ao pote de barro e voltou com uma canequinha de lata cheia de água.** O homem bebeu o líquido de um gole só. **Abandonou a lata com um resto de comida no chão. Arrancou a camisa, a calça e, de calção, que cheirava a sujo, afundou o rosto no travesseiro cheio de molambos, e em pouco tempo dormiu.**

Ponciá Vicêncio correu vagorosamente os olhos pelo cômodo em que moravam. **O pó avolumava-se por cima do armário velho. Pelos caibros do telhado acumulavam-se teias de aranhas e picumãs. As trouxas de roupas sujas cresciam dias e dias pelos cantinhos do quarto. As folhas de jornal, que forravam as prateleiras do armário, já estavam amareladas pelo tempo e roídas nas pontas pelos ratos e baratas. Toda noite ela contemplava o desleixo da casa, a falta de asseio que lhe incomodava tanto, mas faltava-lhe coragem para mudar aquela ambiência. Fechou os olhos, lembrou da casinha de chão barro batido de sua infância. O solo era todo liso e por igual, mesmo seco dava a impressão de ser escorregadio. Tudo ali era de barro. Painéis, canecas, enfeites e até uma colher com que a mãe servia feijão. [...]** Ponciá havia tecido uma rede de sonhos e agora via um por um dos fios dessa rede destecer e tudo se tornar um grande buraco, um grande vazio (Evaristo, 2017, p. 22-24) (sem grifos no original).

A desumanização vivida por Ponciá percorre seu cotidiano. Junto às violências físicas do marido, o servir a ele se faz uma constante em boa parte da obra. Como pode ser visto no trecho acima, Ponciá é quem prepara o alimento, serve e, quando sente o infortúnio da comida seca não descer, sem ser solicitada, está disposta a servir água ao marido. Esses pontos permitem compreender a relação de subalternidade das mulheres em comparação aos homens, assunto já discutido no início desta dissertação que embasa as críticas do movimento feminista e das análises teóricas levantadas sobre o tema.

Presas em uma relação de dominação, Ponciá vive, ainda, a condição desumana de habitação. Os detalhes narrados por Conceição Evaristo buscam recriar a experiência de vida de muitas pessoas que, por meio da escrita, materializam o olhar social sobre as condições de vida na favela. Junto à roupa suja que estava ali, não só pelo desgosto da vida, mas pelas condições de acesso à água, exhibe a fragilidade da vida imposta a muitas pessoas. As condições habitacionais que estão longe de oportunizar o íntimo como privado, a invasão de ratos e baratas que toma conta da casa e alastram-se pelos utensílios domésticos, com sobras de alimento reaproveitados. A lata de goiabada representa a ausência da condição humana imposta à Ponciá, em que ela não pode nem desfrutar o sabor do alimento em um prato de comida digno, quem dera uma mesa para sentar.

Junto a isso, o deitar-se sem banho tanto reforça as desigualdades sociais investidas na cultura dos sujeitos, como, por meio dessa observação, Conceição Evaristo nos condiciona a pensar sobre as exclusões de acesso à água, e, no que se refere ao banho, o não buscar exhibe a sujeição à qual o casal está submetido. Não existem motivos para se lavar, o autocuidado foi arrancado. A autora sinaliza isso quando chega a vez da personagem ir dormir. “Ponciá Vicêncio deitou na cama imunda ao lado do homem e de barriga para cima ficou com o olhar encontrando o nada. Veio-lhe a imagem de porcos no chiqueiro que comem e dormem para serem sacrificados. Seria isto vida, meu Deus?” (Evaristo, 2017, p. 29). Assim, nesse observar vazio de Ponciá, a autora nos leva a interrogar se essa seria uma condição de vida para se viver? Ponciá seria uma mulher? Tal como interpela bell hooks a partir das provocações feitas por Sojourner Truth, E não sou uma mulher? (hooks, 2020).

O processo de desumanização a persegue à medida que avança pela cidade. No deitar-se, quando percorre em suas lembranças a casa em que morava no vilarejo, a recordação de tudo feito pelo barro não se dava apenas pelas condições, mas o reconhecimento de si com a casa e o vilarejo, o domínio daquilo que a alimentava. Conceição Evaristo explora esse sentimento de pertença e ausência, principalmente na riqueza dos detalhes narrados. Quando Ponciá retorna ao vilarejo para ter notícias da mãe e do irmão, o observar de Ponciá das coisas no lugar, das canecas de café, do jirau em que dormiam, das coisinhas cada uma no seu canto, são indícios dos costumes e de como se vive no campo. Quando adentra a casa de pau a pique, sentada na cama, por meio de Ponciá Vicêncio, Conceição Evaristo nos fala da experiência de morar no vilarejo:

As casas das terras dos negros, para o olhar estrangeiro, eram aparentemente iguais. Chão batido, liso, escorregadio, paredes de pau a pique e cobertura de capim. As camas dos adultos e das crianças eram jiraus, que os homens e mesmo as mulheres armavam com galhos de árvores amarrados com cipós. O colchão de capim era às vezes cheiroso, dado o alecrim que se misturava ali dentro na hora de sua feitura. **Os grandes vasilhames de barro ou ferro e os tachos, em que as mulheres faziam doces, permitiam imaginar farturas.** As crianças gostavam de raspar os tachos se lambuzando com os doces de mamão, cidra, banana, goiaba, leite, abóbora e o melado de rapadura” (Evaristo, 2017, p. 52) (sem grifos no original)

Robert Wayne Slenes em *Na senzala, uma flor. Esperanças e recordações na formação da família escrava: Brasil Sudeste, século XIX* (2011), levanta profundas observações sobre as experiências de pessoas escravizadas ao longo do século XIX. Ao investigar sobre as narrativas de viajantes, consegue adentrar a moradia daqueles que haviam constituído uma flor em meio às dores da escravidão. O incômodo do autor de compreender as constituições familiares de pessoas escravizadas serviu para romper narrativas anteriores, que serviriam como forma de reforço e manutenção da escravidão, para a percepção da constituição de laços familiares por escolha e interesses afetivos.

Nesse percurso, junto à composição familiar como uma forma de resistência ao sistema escravocrata, Slenes destaca que no conjunto arquitetônico das casas ou das senzalas-barracão, como são mencionadas, está envolvido todo um simbolismo de pertencimento à origem africana. Para o autor, “[...] na verdade, o ‘lar’ e a roça constituíam-se como uma

encruzilhada da identidade, onde se encontravam tradições africanas de diversas origens: o âmago do processo de criação de uma classe ou, talvez, de uma nação” (Slenes, 2011, p. 214).

Assim, nos momentos em que Conceição Evaristo descreve os lares, o convívio e as relações familiares no vilarejo de Ponciá, exibe parte dessa realidade, do encontro e diálogo com as origens africanas. Por meio do romance, os detalhes da moradia conduzem às lembranças sobre as práticas cotidianas naqueles espaços, que, longe de simples objetos, reforçam as relações sociais estabelecidas por meio do simbolismo existente entre a arte de fazer, conviver e estabelecer os vínculos, em vista que na cidade, como também observa Conceição Evaristo, servia apenas como representação da arte popular em exibição na amostra visitada pelo irmão de Ponciá, já que lá os saberes necessários eram outros.

Entre um afazer e outro, nos laços estabelecidos para o manuseio do barro, no uso do fogo para eles e no preparo dos alimentos, no guardar o fogo em meio às cinzas e depois acendê-lo, constantemente mencionados por Ponciá e sua mãe ao longo da obra, Slenes auxilia ainda a refletir sobre os significados atribuídos ao fogo dentro de casa. Conforme o autor,

No Brasil, o fogo doméstico dos escravos, além de esquentar, secar e iluminar o interior de suas ‘moradias’, afastar insetos e estender a vida útil de suas coberturas de colmo, também lhes servia como arma na formação de uma identidade compartilhada. Ao ligar o lar aos ‘lares’ ancestrais, contribuía para ordenar a comunidade — a senzala — dos vivos e dos mortos (Slenes, 2011, p. 256).

Portanto, quando Conceição Evaristo narra o cotidiano de Ponciá, sua transição do vilarejo à cidade, busca observar as práticas e simbolismos existentes em meio ao cotidiano. O fogo sempre a espera para ser remexido, quando no campo, estabelece esse vínculo entre o grupo, entre os vivos e os mortos. A chama se mantém acesa e lentamente vai se apagando quando Ponciá se afasta na cidade obriga sua volta em busca dos seus. Assim, o fogo narrado por Conceição Evaristo é investido com um elo entre si e o grupo, os seus usos para a alimentação, aquecimento, preparo dos utensílios de barro, mas também como ligação e conversa com aqueles que já se foram. Como quando Maria Vicêncio decide ir para a cidade em busca dos/as filhos/as,

Maria Vicêncio revolveu as cinzas no fogão mais de uma vez para se certificar se as cinco brasas estavam acesas. Lá estavam, e uma maior, grande carvão incandescente, brilhava feito estrela. Havia uns três dias que a mãe de Ponciá tinha retornado à casa. Desde que os filhos partiram, estava sempre ali, porém nunca para ficar. Voltava para visitar a casa, espantar o vazio e sentir a presença dos mortos (Evaristo, 2017, p. 98).

O fogo é uma forma de demonstrar o elo entre os seus e manter viva a esperança de futuro, como quando Ponciá, atormentada pela vida e o olhar invasivo do marido, pela manhã, “[...] revirou as cinzas do fogão buscando a brasa que ali havia guardado na noite anterior. Ela, como nos tempos da roça ainda, mesmo com a facilidade do fósforo, preferia guardar o fogo sob as cinzas, para recomeçar o novo dia” (Evaristo, 2017, 46).

Mas a vida no campo, narrada em Ponciá Vicêncio, nem sempre expunha perspectivas positivas. O conflito de terras e a manutenção das relações escravas, principalmente pela lentidão da notícia sobre a proibição da escravidão chegar até aquelas pessoas, mantidas pelo regime escravocrata nas terras que supostamente pertenciam ao Coronel Vicêncio, conduzem as críticas feitas por Conceição Evaristo como parte de todo o processo de desumanização, das costuras do pacto da branquitude para coibir e fragilizar a população negra.

Um exemplo é quando o pai de Ponciá, ainda criança, após ter sido humilhado pelo filho do coronel, o sinhô-moço do qual era pajem e com quem tinha a obrigação de brincar, como narra a autora, “[...] era o cavalo em que o mocinho galopava sonhando conhecer todas as terras do pai. Tinham a mesma idade. Um dia o coronelzinho exigiu que lhe abrisse a boca, pois queria mijar dentro” (Evaristo, 2017, p. 17). Feito o ato, Conceição Evaristo exhibe parte das formas de dominação e controle relacionadas à humilhação. Em meio às lágrimas, o menino, como indica a autora, “[...] naquela noite teve mais ódio ainda do pai. Se eram livres, por que continuavam ali? Por que, então, tantos e tantas negras na senzala? Por que todos não se arribavam à procura de outros lugares de trabalho?” (Evaristo, 2017, p. 17).

Ou seja, o incômodo de Conceição Evaristo tanto levanta a crítica sobre a manutenção das relações escravas, como observa e demonstra de que maneira o processo foi sustentado pela opressão contra as pessoas escravizadas, as formas encontradas para manter

as relações hierárquicas e de poder, pontos esses que também são perceptíveis nas demais obras.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, as reflexões de Conceição Evaristo endereçadas a literatura nos oportunizam caminhos para o letramento racial crítico (Paula, 2023), exige novas trajetórias de vida atravessadas pela ancestralidade (Bassani; Paula, 2024) e impõe novos desejos de futuro (Paula, 2024). Assim, a análise da obra de Conceição Evaristo selecionada neste estudo revela uma abordagem crítica e sensível às realidades sociais retratadas, tanto no meio rural quanto urbano.

A autora utiliza a narrativa como um instrumento de reflexão sobre as diferentes formas de viver no campo e na cidade, evidenciando, sem idealizações, as complexidades e dificuldades de cada ambiente. Ela denuncia os efeitos persistentes do passado escravocrata, do período pós-abolição e das desigualdades estruturais que ainda se fazem presentes na atualidade.

Como nas histórias de Conceição Evaristo, o ensino e a esperança se fizeram presentes, na tentativa de mudança, de romper exclusões e proporcionar futuros melhores. Como dita a autora repetidas vezes por meio de suas personagens, tal como em Ponciá, ao ouvir histórias de dor, “[...] bebia os detalhes remendando cuidadosamente o tecido roto de um passado, como alguém que precisasse recuperar a primeira veste, para nunca mais se sentir desamparadamente nua” (Evaristo, 2017, p. 55).

Conceição Evaristo, em distintos momentos em suas obras, materializa sua percepção sobre a escrita e o poder transformador dela e do ensino. O narrar, falar de si e dos seus exercitou um conjunto de muitos movimentos, que como afirma por meio de sua escrevivência, “[...] toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida” (Evaristo, 2005, p. 54), como uma reivindicação da história, de marcar um lugar que é seu por direito, de observar o passado e presente como tentativa de mudança, destacando ainda que, com a escrita podemos, “[...] exorcizar o passado, arrumar o presente e predizer a imagem de um futuro que queremos” (Evaristo, 2012, p. 10).

Nas narrativas, percebe-se que o espaço urbano, conforme descrito por Evaristo, impõe desafios ainda mais severos às populações negras. A relação com a terra aparece como um elemento fundamental ao longo das obras. Em Ponciá Vicêncio, por exemplo, a protagonista deixa o ambiente rural, ainda que marcado pela opressão do coronel Vicêncio, para enfrentar a cidade, onde a vida se mostra ainda mais árdua. No campo, o acesso à terra, mesmo que limitado, representava uma possibilidade de aliviar a fome e participar minimamente da dinâmica econômica por meio da produção e comercialização de alimentos. Sendo esses traços de um viver de forma aquilombada, (re)escrevendo outras trajetórias de vida sem desvincular-se de sua ancestralidade.

Apesar do cenário de dor, escassez e desumanização, frequentemente representado nas imagens das ruas e dos restos de comida, Conceição Evaristo também aponta caminhos de resistência e resiliência. As estratégias de (re)existência adotadas pela personagem, ainda que sutis, indicam possibilidades de transformação, que possamos seguir para elas, oportunizar novos olhares sensíveis para o real, em incorporamos cada vez mais a literatura como forma de transformação social, seja ela nos espaços formais e informais de educação.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Belo horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

BASSANI, Jaison José; PAULA, Elenice. Ancestralidades afrodiaspóricas na literatura: narrativas de (re)existência no pensamento social de Conceição Evaristo. **Graphos** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba. v. 26, nº. 2, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/70923>. Acesso em: 10 de jun. 2025.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo, Companhia das Letras, 2022.

BRITO, Maria da Conceição Evaristo de. **Literatura negra: uma poética da nossa afro-brasilidade**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

BRITO, Maria da Conceição Evaristo de. **Poemas malungos** – Cânticos irmãos. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2011.

COLLINS, Patricia; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. 1ed. -São Paulo: Boitempo, 2021.

CONCEIÇÃO Evaristo por Conceição Evaristo. **Portal Literafro**, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 10 de jun. 2025.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. 3 ed., Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

EVARISTO, Conceição. Dos sorrisos, dos silêncios e das falas. **Nossa Escrivência**, Blog, 2012. Disponível em: <http://nossaescrevencia.blogspot.com/2012/08/dos-sorrisos-dos-silencios-e-das-falas.html>. Acesso em 10 de junho de 2025.

EVARISTO, Conceição. Da Grafia – Desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: ALEXANDRE, Marcos Antônio (Org). **Representações Performáticas Brasileiras**: teorias, práticas e suas interfaces. Belo Horizonte, Mazza Edições, p 16-21, 2007.

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. **Revista Palmares**, v. 1, n. 1, p. 52- 57, 2005. Disponível em: <https://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>. Acesso em 10 de junho de 2025.

FIGUEIREDO, Angela. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0102, jan./abr. 2020. <http://dx.doi.org/10.5965/2175180312292020e0102> Acesso em 10 de junho de 2025.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**: Ensaios, Intervenções e Diálogos. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

hooks, bell. **E eu não sou uma mulher?** Mulheres negras e feminismo. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

PAULA, Elenice de. (Sobre)vivência na história e literatura: as intersecções entre gênero, raça e classe e os desejos de futuro nas narrativas de Conceição Evaristo. **Ponta de Lança**: Revista Eletrônica de História, Memória & Cultura, São Cristóvão, v. 18, n. 34, p. 49–78, 2024. Disponível em: <https://ufs.emnuvens.com.br/pontadelanca/article/view/21069>. Acesso em: 10 jun. 2025.

PAULA, Elenice de. Das memórias às histórias: a literatura de Conceição Evaristo e entrelugares de disputas afirmativas. **Communitas**, v. 7, n. 16, p. 144–158, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/COMMUNITAS/article/view/7109>. Acesso em 10 de junho de 2025.

SLENES, Robert Wayne. **Na senzala, uma flor** – esperanças e recordações na formação da família escrava: Brasil Sudeste, século XIX. 2ª ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

SOJOURNER Truth. **Eu não sou uma mulher?** Tradução de Osmundo Pinho, GELEDES, 8 de janeiro de 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enao-sou-umamulher-sojourner-truth>. Acesso em 10 de junho de 2025.

ZALUSKI, Jorge Luiz; PAULA, Elenice de. Narrativas literárias e as distinções sociais: reflexões a partir do olhar de Pierre Bourdieu. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 31, n. 62, p. 133–152, 2023. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/17523>. Acesso em: 10 jun. 2025.

ZALUSKI, Jorge Luiz. O que é interseccionalidade? In: BODART, Cristiano das Neves (Org.). **Conceitos e categorias do ensino de Sociologia**. v. 2. 1. ed. Maceió, AL: Editora Café com Sociologia, 2021. (Coleção Conceitos e Categorias do ensino das Ciências Sociais, v. 2).

Recebido em: 30/09/2025

Aceito em: 30/11/2025

Publicado online em: 08/12/2025